**EFEITOS COMPORTAMENTAIS DECORRENTES DA SEPARAÇÃO PRECOCE MATERNA E VACINAÇÃO ANTECIPADA EM FILHOTES – RELATO DE CASO**

PINTO, Lara Camile Nunes¹\*; DA SILVA, Gabrielly Maria Moreira¹; DORNELAS, Diogo Viveiros¹; MUNIZ, Ariane Teles¹; PEIXOTO, Gabriela Vitória Costa¹; REIS, Rafaella Serafim¹; SANTOS, Renata da Silva¹; DE CARVALHO, Letícia Calovi Santos²;

¹*Graduando (a) em Medicina Veterinária, UNIPAC- Conselheiro Lafaiete, MG; ²Professor(a) do curso de Medicina Veterinária, UNIPAC – Conselheiro Lafaiete, MG.* [*\**](mailto:*211-001347@aluno.unipac.br)*221-001347@aluno.unipac.br*

A separação precoce entre mãe e filhote é uma prática comum, influenciada por fatores extrínsecos ou intrínsecos ao responsável, geralmente ocorrendo pela recusa do criador em arcar com os custos relacionados aos cuidados iniciais do neonato. Além dessa conduta ocorrer de forma assíncrona à literatura, que orienta a separação mais tardia, a primovacinação será realizada precocemente, ainda aos 45 dias. Como consequência, torna-se necessária a administração de um maior número de doses vacinais para completar o protocolo até as dezesseis semanas de idade, conforme recomendam as diretrizes. O objetivo deste relato é destacar os problemas de comportamento causados pela separação precoce da mãe e pela vacinação antecipada, e como essas condições dificultam o manejo do filhote na clínica veterinária. Um cão, SRD, 45 dias de idade, deu entrada para realização da primovacinação. Na primeira dose vacinal, o animal estava colaborativo, sem sinais de medo ou desconfiança, e, conforme relato do responsável, demonstrava comportamento compatível com sua faixa etária. Entretanto, a partir da segunda e terceira doses, embora o animal ainda não manifestasse sinais de medo no ambiente clínico, o proprietário passou a relatar comportamentos como destruição constante de objetos, apego excessivo, dificuldade de aprendizado e problemas de socialização. Durante esses atendimentos, foi necessário um controle físico mais estruturado, pois o cão se mostrava inquieto e com intensa curiosidade pelo ambiente, sem, contudo, demonstrar agressividade. Na quarta e última aplicação, os sinais comportamentais tornaram-se mais evidentes: o animal não tolerava permanecer sozinho, vocalizava de forma persistente, destruía com maior frequência seus pertences, só se alimentava na presença do responsável, apresentava micção em locais inapropriados e lambia excessivamente as patas. No consultório, ao visualizar a seringa, passou a rosnar e exibiu reatividade acentuada ao toque, exigindo contenção firme e uso de focinheira. Diante do quadro, recomendou-se a implementação de medidas de socialização, incluindo passeios frequentes, enriquecimento ambiental e início de adestramento. Este caso clínico evidencia que a separação precoce da mãe, somada ao início antecipado da vacinação, pode comprometer o desenvolvimento do sistema nervoso central do filhote, especialmente a regulação do eixo hipotálamo hipófise adrenal, resultando na elevação dos níveis de cortisol e no aparecimento de distúrbios comportamentais que podem prolongar por toda a vida do animal. Portanto, conforme à literatura, recomenda-se que a separação entre mãe e filhote ocorra entre os 55 e 60 dias de idade, com início da primovacinação a partir da oitava semana. Essa conduta contribui para reduzir o número de aplicações vacinais, minimizar o estresse e prevenir associações negativas com o ambiente clínico, promovendo um manejo mais eficaz em atendimentos futuros.

**Palavras-chave:** estresse, imunoprofilaxia, manejo, socialização